

- **Acordo têxtil entre China e EUA limitará exportações chinesas até 2008**
- **Visita de Bush a Pequim é marcada por pragmatismo**
- **China reforma mecanismo de formação de preço dos derivados de petróleo**
- **Congresso Nacional do Povo anuncia reformas na legislação corporativa e de mercado de capitais**

## TLC

### **China e Chile assinam acordo de livre comércio**

Mantendo o padrão chileno de grande abertura comercial, em processo facilitado significativamente pela baixa sobreposição das pautas exportadoras dos dois países, China e Chile concluíram uma das mais rápidas negociações para formalização de um acordo de livre comércio (TLC) já realizadas. Depois de nove meses de rodadas de negociações e discussões técnicas, os presidentes Hu Jintao e Ricardo Lagos anunciaram a assinatura do TLC (leia a íntegra) em 18 de novembro, durante reunião da APEC (Cooperação Econômica da Ásia-Pacífico) na Coreia do Sul.

Trata-se do segundo acordo de livre comércio firmado pela China (o primeiro foi com a ASEAN - Associação das Nações do Sudeste Asiático) e o sétimo do Chile (tem acordos similares com Estados Unidos, União Européia, Canadá, México, Coreia do Sul e América Central, além de negociações em andamento com Índia e Japão). Em função da pauta exportadora fortemente concentrada em produtos minerais (80% do total, com forte concentração em cobre) e em alguns itens agrícolas, o Chile tem conseguido avançar rapidamente no estabelecimento de acordos de livre comércio com países desenvolvidos e com exportadores de bens industriais. Com a China, o acordo busca também diminuir a dependência chilena das exportações de cobre e elevar a diversificação da pauta, em especial por meio do aumento das exportações de pescados e frutas.

O acordo, que passa a valer a partir de 1º de junho de 2006, abará 95% das exportações chilenas. Os produtos que terão suas tarifas zeradas mais rapidamente (imediatamente ou em até cinco anos) serão o cobre e outros produtos minerais, hortaliças, óleo de peixe, frango, cerejas, pêssegos frescos e em conserva, madeira, salmão defumado, queijos, chocolate e molho de tomate. Por outro lado, produtos considerados sensíveis pela China, em especial uvas, maçãs e salmão fresco congelado, terão tarifas gradualmente reduzidas em prazo de cinco a dez anos.

Em contrapartida, 50% das exportações chinesas para o Chile terão tarifa zero no prazo de um a dez anos, sendo que serão eliminadas automaticamente as tarifas de alguns equipamentos eletrônicos, telefones celulares, automóveis, computadores e máquinas. Os produtos considerados sensíveis para o Chile, cuja redução tarifária ocorrerá em maior prazo, entre cinco e dez anos, foram os cimentos, alguns insumos químicos, equipamentos cirúrgicos e alguns produtos do segmento têxtil.

Atendendo aos pedidos de sindicatos e produtores chilenos, 152 produtos chineses foram excluídos do acordo, a maior parte dos quais do segmento têxtil, produtos metalúrgicos, linha branca e alguns produtos agrícolas, como

Acordo de Livre Comércio  
entre Chile e China

trigo e açúcar. Este conjunto de produtos representa 3% das exportações chilenas para a China em valor. Do lado chinês, 1% das exportações para o Chile foi excluído do acordo.

**Defesa comercial** – Além de manter todos os mecanismos de defesa comercial previstos no acordo geral de salvaguardas da Organização Mundial do Comércio, o acordo de livre comércio Chile-China prevê, adicionalmente, a possibilidade de imposição de salvaguardas provisórias contra produtos cujas importações, ao crescer rapidamente em termos absolutos ou relativos, possam causar dano à indústria doméstica. Tais salvaguardas podem ser impostas tanto durante o período de redução gradual de tarifas quanto após a total extinção das tarifas de importação. O prazo máximo de vigência das salvaguardas provisórias é de um ano.

O acordo também cria dois comitês, coordenados pela AQSIQ (Administração Geral de Supervisão, Inspeção e Quarentena) na China e pelo Ministério de Relações Exteriores no Chile, responsáveis por questões sanitárias e fitossanitárias e por barreiras técnicas. Além de buscar soluções para eventuais impasses no comércio bilateral, os comitês se reunirão periodicamente com o objetivo de evitar a imposição de medidas comerciais arbitrárias e propor mecanismos de cooperação técnica. Caso os dois comitês não solucionem impasses, o acordo prevê a possibilidade de acionamento de um mecanismo bilateral de solução de controvérsias, que terá poderes para abrir painel de arbitragem sem necessidade de recorrer à OMC.

**Comércio bilateral** – O comércio entre China e Chile cresceu de maneira intensa na última década. Em 1995, a China era o 12º principal destino das exportações chilenas e a 11ª fonte de importações. No mesmo período o Brasil ocupava, em ambos os casos, a terceira posição, atrás de Estados Unidos e Japão e muito próximo da Argentina. Em 2003 (dado presente no estudo de viabilidade para criação do TLC), a China era o 3º maior mercado para as exportações chilenas, atrás apenas de Estados Unidos e Japão, ao passo que o Brasil havia recuado para a 7ª posição. A China tornou-se a 4ª maior origem de importações do Chile, atrás de Argentina, Estados Unidos e Brasil. Apesar do rápido crescimento, as exportações do Chile seguem extremamente concentradas em cobre e outros minérios (quase 80% do total vendido para a China).

**Cobre** – O cobre continuará sendo, por um bom tempo, o principal produto exportado pelo Chile à China e o maior atrativo para investimentos de estatais chinesas no país andino. Esta tendência é corroborada pelo comportamento recente do mercado. O rápido crescimento da economia chinesa e a intensa demanda por metais levaram a cotação do cobre a recordes sucessivos neste ano e trouxeram grande instabilidade aos mercados. Em 18 de novembro, a cotação chegou a US\$ 4.243 por tonelada na Bolsa de Metais de Londres, maior alta da história. Além da grande demanda, o mercado está operando sob intensa especulação.

Entre abril e outubro, um único operador do Bureau Nacional de Reservas da China (SRB, na sigla em inglês) comprou, em contratos de short-selling (vendas de minério que ele não possuía com a promessa de recompra em prazo definido) algo entre 100 mil e 200 mil toneladas de cobre no mercado, na expectativa de que os preços caíssem ao longo do ano. Como não houve queda, operadores estimam que a perda do SRB será de cerca de US\$ 150 milhões.

A especulação intensificou-se com o desaparecimento do operador, que não é visto no mercado ou em casa há um mês. O SRB chegou a anunciar que Liu Qibing não era mais seu funcionário e que ele não operava sob as ordens do escritório. A negativa do governo chinês foi interpretada pelo mercado como um sinal de que ninguém arcará com as perdas.

Na tentativa de pressionar os preços para baixo, a Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma da China (NDRC) anunciou que as importações de cobre da China deverão recuar em 2006, e que a cotação deverá cair para US\$ 3.500 por tonelada. Segundo a NDRC, o consumo chinês de cobre crescerá 8% em 2006, mas as importações deverão recuar levemente, de 1,35 milhão de

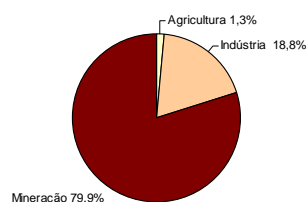
toneladas para 1,30 milhão. A pressão para que os preços recuem tem levado analistas a prever que o mercado de cobre será bastante volátil em 2006.

### Balança Comercial Chile-China (US\$ milhões)

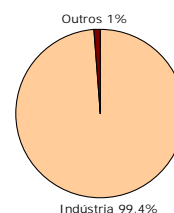
	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Exportações	433,4	459,7	359,1	958	1075,7	1249,6	1880,3	3344,3
Importações	659,1	753,1	660,1	1000,2	1052,9	1142,2	1358,7	1916,7
Saldo	-225,7	-293,4	-301	-42,3	22,8	107,4	521,5	1427,6

Fonte: ProChile e Banco Central do Chile

### Exportações do Chile para a China por setor produtivo (2004)



### Exportações da China para o Chile por setor produtivo (2004)



### Exportações chilenas para a China por setor produtivo (US\$ milhões)

Sector	2004	2003	Varição%
<b>Agricultura</b>	<b>43,66</b>	<b>19,66</b>	<b>122,08</b>
Agricultura, pecuária e fruticultura	35,42	14,56	143,27
Silvicultura	0,16	0,08	100,00
Pesca extrativa	8,08	5,02	60,96
<b>Mineração</b>	<b>2672,13</b>	<b>1382,4</b>	<b>93,30</b>
Cobre e minério de ferro	2635,72	1361,57	93,58
Outros minerais metálicos	36,41	20,79	75,13
<b>Indústria</b>	<b>626,21</b>	<b>476,91</b>	<b>31,31</b>
Alimentícia	187,56	165,77	13,14
Têxtil	1,42	1,37	3,65
Florestal	24,74	15,78	56,78
Celulose e derivados	329,15	214,58	53,39
Produtos químicos	21,29	51,87	-58,96
Produtos de cerâmica, porcelana, vidro e louça	0,02	0,01	100,00
Básica de ferro, aço e não ferrosos	62,56	26,97	131,96
Produtos metálicos, máquinas e equipamentos	0,47	0,56	-16,07
Outras indústrias manufactureiras	0,01	0	-
<b>Outros</b>	<b>2,32</b>	<b>1,32</b>	<b>75,76</b>

Fonte: ProChile

### Proteção comercial

#### Acordo têxtil entre China e EUA limitará exportações chinesas até 2008

Depois de cinco meses e de sete rodadas de negociações, os governos da China e dos Estados Unidos chegaram a acordo que limitará as exportações de 34 categorias de têxteis e vestuários chineses até 2008 (leia a íntegra). O acordo, assinado em Londres dez dias antes da visita do presidente George W. Bush à China, segue o mesmo princípio daquele firmado com os europeus em junho passado: as exportações chinesas crescerão em ritmo levemente superior aos 7,5% anuais previstos no artigo que rege as salvaguardas específicas contra têxteis chineses, mas bem abaixo das taxas de crescimento de três dígitos alcançadas ao longo de 2005.

Assim como o acordo sobre têxteis firmado em setembro entre China e União Européia, os limites de expansão das exportações serão elevados gradualmente ano a ano. Em 2006, as vendas chinesas para os Estados Unidos poderão

Memorando de Entendimento entre o Governo dos Estados Unidos da América e a República Popular da China sobre o Comércio de Produtos Têxteis e Vestuários.

crescer entre 8% e 10%, dependendo do produto. Em 2007, o crescimento irá variar entre 12,5% e 16% sobre os totais registrados no ano anterior, e em 2008 ficará entre 15% e 17% (veja as quotas máximas por produto na tabela a seguir). As 34 categorias de produtos previstas no acordo responderam por 46% das exportações chinesas de têxteis para os Estados Unidos entre janeiro e agosto de 2005.

Ao contrário do acordo fechado com a União Européia, que entrou em vigor imediatamente após sua assinatura, o governo norte-americano concordou em aplicar as novas quotas a partir de 1º de janeiro de 2006. Até agosto de 2005, as importações das 34 categorias regidas pelo acordo haviam crescido 115% em volume na comparação com o mesmo período do ano anterior. No caso dos têxteis, a expansão havia sido de 44%, e as peças de vestuário cresceram 185%. Em categorias como calças de algodão e filamentos sintéticos, a expansão foi de mais de 1.000%.

Prorrogar o início do acordo foi uma das maneiras que os negociadores norte-americanos encontraram para evitar que produtos fossem barrados nos portos, como ocorreu na União Européia, onde as quotas para 2005 foram ultrapassadas menos de dois meses após a assinatura do acordo. A expectativa é de que, com um pouco mais de tempo para se adaptar, importadores e órgãos reguladores evitem a extrapolação das quotas na fase inicial de aplicação do mecanismo. De qualquer forma, o acordo também dá brecha para que, caso a quota seja ultrapassada em um ano, haja possibilidade de compensação no ano seguinte, sem necessidade de prejudicar o importador norte-americano.

As quotas estabelecidas no acordo com os Estados Unidos substituíram imediatamente as salvaguardas específicas contra produtos chineses colocadas em vigor em 31 de agosto contra nove categorias de produtos, todos contemplados no novo acordo. Segundo o parágrafo 242 do relatório do grupo de trabalho sobre a acessão da China à Organização Mundial do Comércio, as exportações chinesas de têxteis para outro membro da OMC poderiam ter crescimento restrito a 7,5% ante o volume registrado nos 12 meses anteriores à aplicação da salvaguarda.

**Reação EUA** – Produtores e representantes do setor têxtil norte-americano reagiram com entusiasmo ao anúncio de acordo. “Trabalhadores e produtores da indústria têxtil norte-americana e a comunidade a eles ligados são grandes vencedores. O acordo representa um passo necessário e bem-vindo contra as práticas ilegais de comércio da China”, afirmou Auggie Tantillo, diretor-executivo da Coalizão de Ação Comercial dos Produtores Norte-Americanos (AMTAC, na sigla em inglês).

Empresas de capital norte-americano que investem na China também receberam bem o acordo, uma vez que, com a definição das quotas até 2008, será possível remanejar a produção e trabalhar com planejamento de mais longo prazo. As salvaguardas específicas em vigor desde 31 de agosto teriam que ser revistas anualmente.

A indústria norte-americana, no entanto, admite que as quotas poderão ser insuficientes para gerar novos empregos no setor. Entre 1974 e 2004, período durante o qual vigorou o acordo multilateral que impôs quotas de exportação aos produtos têxteis e que protegeu as indústrias de países menos competitivos internacionalmente, os empregos na indústria têxtil norte-americana caíram de cerca de 1 milhão para 400 mil. Segundo organizações do setor, a maior parte dos empregos foi perdida a partir de 2001, por conta da concorrência com China, Índia, Bangladesh, Sri Lanka e Camboja.

O acordo terá impacto mínimo no ajuste das contas externas norte-americanas. Até agosto, o déficit norte-americano com a China foi de US\$ 126 bilhões, contra US\$ 98 bilhões no mesmo período do ano passado. O rápido aumento do déficit comercial com a China tem sido uma das principais queixas do governo norte-americano. Contudo, o crescimento no desequilíbrio comercial vem sendo causado principalmente por conta do crescente déficit nos setores de máquinas e aparelhos eletrônicos, e não têxteis.

**A tensão continua** - O efeito modesto das quotas sobre o nível de emprego e o déficit comercial norte-americano sugere que a tensão comercial entre China e Estados Unidos deve continuar latente. Segundo Cass Johnson, presidente do Conselho Nacional de Organizações Têxteis, o acordo “não resolve o problema, apenas posterga os riscos que a China representa”. Os dois principais atritos no relacionamento sino-americano continuarão sendo questões de propriedade intelectual e o câmbio chinês desvalorizado.

Um dia após o anúncio do acordo têxtil, a Comissão China-Estados Unidos, foro bipartidário que conta com 12 membros do Congresso norte-americano, apresentou relatório de mais de 200 páginas em que pede a imposição de novas sanções econômicas, incluindo a imposição de tarifas de importação, que forcem a mudança do câmbio chinês. Dentre as 50 recomendações, o relatório diz que o Congresso deveria considerar a imposição imediata de tarifas de até 27,5% sobre as importações chinesas até que o governo permita uma valorização de pelo menos 25% do yuan frente ao dólar ou frente a uma cesta de moedas.

**Riscos futuros** – Analistas apontam que a limitação das importações provenientes da China deverá provocar aumento correspondente nas importações de outros países asiáticos. “Quando se espreme de um lado, a pressão transfere-se para outro”, resumiu Peter Kilduff, professor da Universidade da Carolina do Sul, em entrevista ao The New York Times. Até agosto, as importações norte-americanas de têxteis vindos da Índia haviam crescido 34%, para US\$ 2,7 bilhões, seguidos de Bangladesh (alta de 24%, para US\$ 2,23 bilhões) Indonésia (+ 17%, para US\$ 2,7 bilhões) e Sri Lanka (+ 18%, para US\$ 1,7 bilhão).

A fim de evitar a proteção comercial, produtores de têxteis, inclusive norte-americanos e chineses, têm instalado fábricas em diferentes países asiáticos. Willie Fung, presidente da Top Form, maior produtor mundial de sutiãs, informou, também em entrevista ao The New York Times, que as quotas farão sua companhia reduzir o ritmo de produção na China e elevar o das Filipinas.

Outra forma de burlar as quotas é concentrar as fases iniciais da produção na China, como o corte e costura dos tecidos, e transferir o arremate das peças para outros países asiáticos. Trata-se de prática comum antes do fim do Acordo de Têxteis e Vestuários, em 1º de janeiro de 2005, e freqüentemente denunciada por sindicatos e associações de classe nos Estados Unidos.

As quotas podem também trazer um segundo efeito colateral para a produção mundial de têxteis. Ao verem suas exportações de produtos intensivos em mão-de-obra limitadas, fábricas instaladas na China podem optar por concentrar sua produção em peças de maior valor agregado, driblando as quotas atuais. Movimento parecido aconteceu no Japão na década de 80, quando produtores como Toyota e Honda introduziram suas linhas de luxo a fim de driblar as quotas impostas pelos Estados Unidos aos automóveis japoneses populares.

**Reação da China** – O anúncio formal de acordo, feito conjuntamente pelo representante comercial dos Estados Unidos, Robert Portman, e pelo ministro do Comércio da China, Bo Xilai, foi aberto em tom de cordialidade e satisfação. “O resultado das negociações garantiu um ambiente estável para as indústrias tanto da China quanto dos Estados Unidos e, nesse sentido, é um resultado de ganha-ganha”, disse Bo. Ao longo da coletiva de imprensa, Portman reforçou que o acordo é, do seu ponto de vista, justo e balanceado. “Acreditamos que [o acordo] irá ajudar a indústria têxtil norte-americana e será justo com nossos varejistas e consumidores”.

Ao final da coletiva, no entanto, Bo criticou o que qualificou de falta de flexibilidade norte-americana. “Nós sabemos que o embaixador Portman mostrou alguma flexibilidade ao final do dia, mas eu não acredito que seja suficiente. Na verdade, ainda estamos muito distantes das nossas expectativas iniciais”. O ministro chinês também deixou clara a insatisfação com a falta de liberalização comercial e afirmou que sua expectativa era de que o mercado internacional de têxteis estivesse liberado desde 1º de janeiro de 2005. “Há um velho ditado

na China que diz que bebês chorões ganham leite primeiro. Mas isso não significa que quem chora mais alto tenha razão”, finalizou.

#### Patamares máximos de exportação da China para os EUA

Categoria	Produto	Unid.	2006	2007	2008	Variação %	
						2006/ 2007	2007/ 2008
200 e 301	Linha para costura e fios penteados de algodão	kg	7.529.582	8.659.019	10.131.052	15,0	17,0
222	Tecido de tricô	kg	15.966.487	18.361.460	21.482.908	15,0	17,0
229	Tecidos para fins especiais	kg	33.162.019	38.467.942	45.007.492	16,0	17,0
332, 432 e 632	Meias	dúzias de pares	64.386.841	73.963.859	85.058.437	15,0	15,0
338 e 339	Camisas de algodão tricotado	dúzia	20.822.111	23.424.875	26.938.606	12,5	15,0
340 e 640	Camisas de algodão tecido	dúzia	6.743.644	7.586.600	8.724.590	12,5	15,0
345, 645 e 646	Suéteres	dúzia	8.179.211	9.201.612	10.673.870	12,5	16,0
347 e 348	Calças de algodão	dúzia	19.666.049	22.124.305	25.442.951	12,5	15,0
349 e 649	Sutiãs	dúzia	22.785.906	25.634.144	29.479.266	12,5	15,0
352 e 652	Roupas de baixo	dúzia	18.948.937	21.317.554	24.515.187	12,5	15,0
359 e 659	Roupas de banho	kg	4.590.626	5.164.454	5.990.767	12,5	16,0
363	Toalhas	unid.	103.316.873	116.231.482	134.828.519	12,5	16,0
666	Persianas e cortinas	kg	964.014	1.084.516	1.268.884	12,5	17,0
443	Trajes de lã	unid.	1.346.082	1.514.342	1.756.637	12,5	16,0
447	Calças de lã	dúzia	215.004	241.880	280.581	12,5	16,0
619	Filamentos de poliéster	m <sup>2</sup>	55.308.506	62.222.069	72.177.600	12,5	16,0
620	Outros filamentos sintéticos	m <sup>2</sup>	80.197.248	90.221.904	103.755.190	12,5	15,0
622	Fibra de vidro para tecidos	m <sup>2</sup>	32.265.013	37.104.765	43.412.575	15,0	17,0
638 e 639	Camisas de tecidos sintéticos	dúzia	8.060.063	9.067.571	10.427.707	12,5	15,0
647 e 648	Calças de tecidos sintéticos	dúzia	7.960.355	8.955.399	10.298.709	12,5	15,0
847	Calças de outros materiais	dúzia	17.647.255	19.853.162	23.029.668	12,5	16,0

Fonte: Memorando de Entendimento entre os Governos dos EUA e China sobre o Comércio de Produtos Têxteis e Vestuários

#### Relações China-EUA

##### Visita de Bush a Pequim é marcada por pragmatismo

Apesar dos atritos comerciais recentes e da pressão exercida pelo Congresso para que o governo adote posições mais rígidas na relação com a China, a visita a Pequim do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, destoou do padrão tenso que tem marcado o relacionamento bilateral. Como era previsível, Bush destacou, em seus discursos, que há necessidade de aumento das liberdades políticas e religiosas (uma demanda dos grupos cristãos republicanos) e intensificou a pressão para que a China flexibilize o câmbio e dê atenção às regras de propriedade intelectual. Mas se distanciou da retórica sinofóbica e protecionista que tem encontrado espaço em alguns setores produtivos, sindicatos e no Congresso norte-americano.

Apesar do caráter ideológico frequentemente associado ao governo Bush (especialmente por conta da ação no Iraque e de medidas como os cortes tributários substanciais), o relacionamento com a China tem se desenvolvido com forte dose de pragmatismo. Durante a estadia de Bush em Pequim, não houve nenhum anúncio político ou econômico de grande relevo para as relações bilaterais, mas a visita esteve cercada de duas realizações importantes.

Primeiro, conforme exposto no artigo anterior, o acordo para imposição de salvaguardas têxteis bilateral foi firmado dez dias antes da chegada do presidente norte-americano. E alguns dias após o fim da visita, a administração Bush anunciou que recusou a sugestão do Congresso de rotular a China como “país manipulador do câmbio”, o que abriria ao governo norte-americano a possibilidade de aplicar novas sanções contra produtos chineses.

As duas medidas parecem ser complementares: busca-se reduzir o tom da retórica nas relações bilaterais e evitar o confronto comercial direto em prol de ganhos negociados. Do lado chinês, o governo fez dois anúncios que agradaram os norte-americanos durante e logo após a visita de Bush. A primeira medida foi um gesto extremamente bem articulado em termos da cronologia da visita: a estatal responsável pelas aquisições de aeronaves para as linhas aéreas chinesas anunciou a compra de 150 aeronaves Boeing 737, com valor estimado em US\$ 6,5 bilhões. Em seguida, o Banco Central deu outro sinal de que a reforma cambial está acontecendo, apesar de lenta, ao anunciar a realização do primeiro swap cambial por meio de uma operação de US\$ 6 bilhões.

**Swap** – O BC chinês anunciou que venderá dólares no mercado *spot* e comprará moeda nacional dentro de um ano com taxa definida. Além de remover excesso de liquidez do mercado, a taxa cambial do swap, de 7,85 yuan por dólar (uma apreciação adicional de 2,85% em relação à cotação do final de novembro), pode ser um indicativo das estimativas do BC quanto ao futuro do câmbio chinês. A medida não deverá provocar mudanças expressivas na cotação da moeda chinesa no curto prazo, mas é mais um indício da disposição do governo em flexibilizar o câmbio, ainda que com extrema cautela. Desde que o yuan foi valorizado em 2% em julho deste ano, a cotação da moeda subiu apenas 0,36%.

#### Calçados

### **Concorrência reduz exportações brasileiras, mas produtores nacionais mantêm 98% do mercado interno**

A concorrência com fabricantes asiáticos e a valorização do real farão com que a indústria de calçados brasileira registre, em 2005, o primeiro recuo nas exportações em 15 anos. Segundo matéria publicada no *Valor Econômico* de 21 de novembro, a indústria calçadista projeta recuo nas exportações de 20% em volume e de 25% em valor. Em 2004, foram vendidos 212 milhões de pares de calçados no mercado externo, e a expectativa para 2005 é de queda para cerca de 170 milhões de pares.

Apesar da intensa concorrência internacional, o mercado interno continua sendo abastecido majoritariamente por produtores nacionais. Segundo dados da Abicalçados (Associação Brasileira das Indústrias de Calçados), as importações em 2004 somaram 9 milhões de pares, contra produção nacional de 755 milhões. Do total importado, 70% vieram da China.

De acordo com a Abicalçados, foram consumidos no Brasil 552 milhões de pares em 2004, sendo que 98% (543 milhões) foram fabricados no País. As importações da China representaram 1,3% do consumo nacional, e as importações totais responderam por 1,6%.

Os países asiáticos, a China em especial, são os principais fornecedores de calçados para o Brasil. Somados, China, Vietnã, Indonésia, Coreia do Sul, Coreia do Norte, Tailândia e Hong Kong foram as origens de 90% das importações em 2004. Já os principais destinos das exportações brasileiras em 2004 foram Estados Unidos (56,6%), Reino Unido (7,5%), Argentina (5,8%), México (3,8%) e Canadá (2,8%).

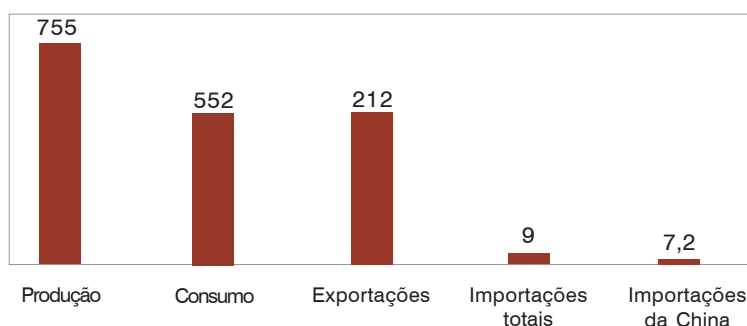
**Análise CEBC** - Não obstante a baixa sensibilidade estatística do setor à penetração de produtos chineses no mercado brasileiro, é amplamente conhecido o fato de que calçados chineses, freqüentemente a preços aviltantes, têm ingressado em quantidades cada vez mais expressivas no País. Trata-se

de fenômeno também verificado em relação a outros produtos em que a China é importante exportador.

O Conselho Empresarial Brasil-China, em análise comparativa das estatísticas compiladas pela Secretaria de Comércio Exterior do Brasil e pela Administração Geral de Alfândegas da China, constatou diferenças significativas nos dados oficiais do comércio bilateral. Foram utilizados dados de 2003, último ano para o qual há estatísticas chinesas completas disponíveis. Não foi efetuada comparação de volumes de calçados, uma vez que diferentes dados são registrados pelas estatísticas oficiais do Brasil (peso) e da China (número de pares).

No caso de vestuários, exceto os de malha, a alfândega chinesa registrou exportações de US\$ 51,8 milhões para o Brasil, ao passo que a alfândega brasileira registrou entrada de cerca de metade do mesmo produto. Em se tratando de calçados, a diferença estatística é contrária: o Brasil registrou entrada de US\$ 31,9 milhões, ao passo que a China informa vendas de US\$ 23,3 milhões ao País. As diferenças podem ser indícios relevantes de práticas ilícitas, tais como contrabando, subfaturamento ou descaminho, que cada vez mais são identificados no comércio com a China e outros países.

#### Mercado de calçados no Brasil (2004, em milhões de pares)



#### Exportações brasileiras de calçados por país (2004)

País	US\$	%	Pares
Estados Unidos	1.024.795.342	56,6	97.625.384
Reino Unido	136.066.186	7,5	9.532.475
Argentina	104.647.495	5,8	15.364.606
México	68.669.746	3,8	13.645.825
Canadá	50.315.090	2,8	5.188.288
Espanha	37.747.169	2,1	5.375.315
Chile	34.398.105	1,9	4.228.903
Alemanha	21.342.376	1,2	2.304.714
Países Baixos	20.155.281	1,1	1.543.395
Porto Rico	17.598.252	1,0	2.067.256

Fonte: Abicalçados

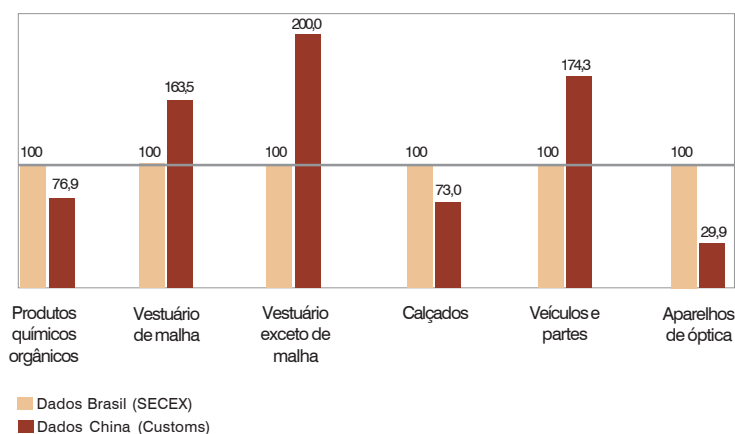
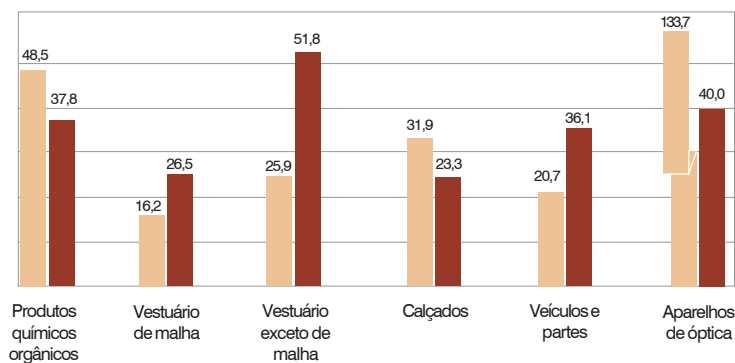
#### Importações brasileiras de calçados por país (2004)

País	US\$	%	Pares
China	45.853.172	70,2	7.282.658
Vietnã	4.828.611	7,4	332.789
Indonésia	4.434.448	6,8	384.174
Itália	2.708.481	4,1	52.881
Coréia do Sul	1.499.002	2,3	106.719
Coréia do Norte	1.248.704	1,9	120.694
Tailândia	794.778	1,2	51.041
Hong Kong	711.594	1,1	139.416
Estados Unidos	533.381	0,8	50.135
Ilhas Virgens Britânicas	517.569	0,8	48.896

Fonte: Abicalçados



## Diferenças estatísticas entre Brasil e China Importação (2003, em US\$ milhões)



Fonte: SECEX e China Customs Statistics Yearbook / Elaboração: Conselho Empresarial Brasil-China

### Reformas legislativas

#### **Congresso Nacional do Povo anuncia reformas na legislação corporativa e de mercado de capitais**

Em mais um esforço para revitalizar o mercado de capitais chinês, o Congresso Nacional do Povo aprovou um pacote de emendas à legislação corporativa e que regula o mercado de capitais na China. A nova legislação permitirá que investidores apliquem em derivativos e que uma única corporação forneça serviços bancários e, ao mesmo tempo, opere com seguros e ações. Depois de uma sucessão de escândalos de corrupção, os investimentos em derivativos haviam sido suspensos em meados da década de 90. A lei específica que regulará a indústria e promoverá seu desenvolvimento será anunciada no início de 2006.

Para incentivar o mercado de ações, a nova legislação também determina que empresas estatais e privadas terão tratamento igualitário durante o processo de registro na bolsa. Os privilégios garantidos às estatais nos últimos anos fizeram com que a participação das empresas privadas no mercado de ações ficasse restrita a um terço do total. De acordo com legisladores envolvidos no projeto de reforma, as exigências para registro foram reduzidas com o objetivo de incentivar o crescimento no número de companhias privadas listadas em bolsas nacionais.

A nova legislação também reduzirá os impedimentos para realização de operações *offshore*. Conforme antecipado pela **Carta da China** nº 13, a captação de recursos por meio de mecanismos *offshore* voltou a ser permitida para investidores privados domésticos. A reforma também extinguiu o antigo limite de investimento de, no máximo, 50% dos ativos no exterior. Empresas

domésticas chinesas que quiserem alocar 100% do capital em ativos estrangeiros terão base legal para tanto.

As emendas à lei também inovam ao criar a possibilidade de abertura de empresas por uma única pessoa. Até então, a legislação obrigava empreendedores chineses a ter um sócio. Os candidatos deverão ter capital inicial mínimo de 100 mil yuan (US\$ 12,4 mil) e terão que apresentar relatórios financeiros a auditorias anualmente. Segundo as autoridades chinesas, a nova lei pretende gerar estímulos para a criação de empresas privadas, ao mesmo tempo em que aumenta o rigor na fiscalização das contas corporativas.

#### Epidemia

#### **Gripe aviária expõe desafios do governo chinês para gerenciar crises**

A epidemia de gripe aviária atingiu as províncias chinesas de Anhui, Mongólia Interior, Hunan, Liaoning, Hubei e Xinjiang em meados de outubro. Cerca de 30 focos foram detectados em toda a China e mais de 20 milhões de aves foram sacrificadas, conforme a recomendação da Organização Mundial de Saúde de isolar áreas infectadas em um raio de 3 km. Foram contabilizados três casos de humanos contaminados pelo vírus, incluindo duas mortes na província de Anhui.

O governo chinês respondeu à crise com um ambicioso plano de vacinação das aves, que já atingiu cerca de 60% do total de 5,2 bilhões das existentes no país. As autoridades têm se esforçado em prevenir o uso de vacinas não certificadas, um problema particular em Liaoning. A execução do plano governamental, no entanto, tem encontrado dificuldades por conta do pouco uso de técnicas intensivas na criação de aves na China, na maior parte das vezes realizada por famílias de agricultores, e não em granjas especializadas. A OMS emitiu relatório em que levantou dúvidas sobre a estratégia chinesa. Segundo a organização, a maior fonte de problemas está na falta de cooperação entre os Ministérios da Agricultura e da Saúde.

O impacto do vírus no setor avícola tende a ser muito significativo, já que a China é o maior produtor de ovos e o segundo maior produtor de carne de frango do mundo. Apesar da melhoria dos padrões de monitoramento e transparência do governo chinês em relação à epidemia de SARS em 2003, o vírus está longe de ser controlado. Teme-se especialmente que o vírus sofra alguma mutação e permita o contágio humano.



Excepcionalmente, não será publicada reprodução de artigo da Oxford Analytica nesta edição.

## Diplomacia

### **Coréia do Sul reconhece a China como economia de mercado**

A Coréia do Sul concedeu à China status de economia de mercado durante a visita do presidente chinês Hu Jintao a sua contraparte sul-coreana Roh Moo-hyun, em 16 de novembro. No encontro, o presidente chinês afirmou que espera dobrar o intercâmbio comercial entre os dois países até 2012, que neste ano alcançará US\$ 100 bilhões, o que torna a China o maior parceiro comercial da Coréia do Sul. A China é também o principal alvo de investimentos sul-coreanos, direcionados principalmente às indústrias manufatureiras da costa leste chinesa. Em junho de 2005, a China atraiu US\$ 28,7 bilhões em investimento externo direto da Coréia do Sul. Após o anúncio, os presidentes reuniram-se para a assinatura de acordos bilaterais de comércio e investimento. Os governos estudam a possibilidade de estabelecimento de uma zona de livre comércio, em paralelo aos estudos de criação de uma área mais ampla, que englobará também Japão e ASEAN (projeto ASEAN+3).

## Diplomacia II

### **Hu Jintao realiza primeira viagem à Coréia do Norte**

O presidente Hu Jintao realizou, em outubro, sua primeira viagem oficial à Coréia do Norte. Durante a visita de três dias, Hu e sua contraparte norte-coreana, Kim Jong-il, firmaram acordos de cooperação econômica e comercial e traçaram diretrizes para as reuniões da quinta rodada de negociações do grupo de seis países que negocia temas nucleares na península coreana (formado pelas duas Coreias, China, Estados Unidos, Japão e Rússia). A visita de Hu, no entanto, não teve resultados substantivos nesta área. Ao final das primeiras sessões da quinta rodada de negociações, em 11 de novembro, os participantes reafirmaram compromissos estabelecidos pela declaração conjunta assinada em setembro. O documento prevê a desnuclearização da península coreana em troca de investimentos e cooperação bilateral e multilateral nos setores energético e comercial.

## Têxtil

### **Tecidos técnicos são alternativa para driblar competitividade dos têxteis chineses**

Desenvolver a indústria de tecidos técnicos tem sido uma estratégia cada vez mais empregada por países desenvolvidos em resposta à competitividade dos têxteis chineses. A idéia é agregar valor aos têxteis por meio de inovações tecnológicas em segmentos como os de revestimentos, coberturas, painéis publicitários, arquitetura e construção, calçados e vestuário esportivo.

Segundo matéria do *Estado de S. Paulo* de 24 de novembro, o Brasil entrou nesse mercado com tecidos para persianas com tratamento antiácido e antimofa e tecidos para impressão por sistema digital. Há pesquisas também para tecidos antimicrobianos feitos com resina de prata. O maior produtor e consumidor de tecidos técnicos são os Estados Unidos, seguidos por Alemanha, Itália e França. A China, por sua vez, tem ganho espaço nas exportações de lonas estruturadas de polietileno e laminado de PVC para painéis.

## Imposto de renda

### **Congresso chinês aprova nova legislação tributária**

Cidadãos chineses com renda mensal inferior a 1.600 yuan (US\$198) estarão isentos do pagamento de imposto de renda a partir de janeiro de 2006, conforme emenda aprovada pelo Congresso Nacional no dia 27 de outubro. Com a medida, o governo chinês espera reduzir o índice de sonegação de impostos e, sobretudo, a desigualdade social no país. O impacto previsto sobre a receita do governo é de US\$ 2,5 bilhões, valor pouco relevante diante dos US\$ 325,9 bilhões arrecadados em 2004. Desde 1994, o limite para isenção era de 800 yuan e,

naquela época, apenas 1% da população apresentava renda superior a esse valor. Hoje, estima-se que 60% dos trabalhadores chineses já tenham ultrapassado esse patamar de renda.

#### Aço

### Siderúrgicas chinesas controlarão produção

Com o objetivo de evitar quedas acentuadas nos preços do aço, as siderúrgicas chinesas reduzirão sua produção em 5% no último trimestre de 2005. A decisão foi tomada durante reunião da Associação da Indústria de Ferro e Aço da China, composta pelas maiores companhias estatais e privadas do setor. Pesquisas governamentais prevêem, para 2005, crescimento de 14% na demanda chinesa de aço. Contudo, a produção, que já ultrapassa o consumo, alcançou 255 milhões de toneladas nos primeiros nove meses do ano. A fim de acompanhar o ritmo das siderúrgicas, o consumo anual de aço deveria apresentar crescimento de 27,5%. O preço do aço está em queda desde abril e analistas temem que a indústria enfrente graves prejuízos.

#### Energia

### Importação de carvão aumentou 30% até setembro

Apesar de ser o maior produtor de carvão do mundo, a China teve que elevar suas importações em 30% até setembro de 2005, a fim de atender à demanda crescente. Segundo estimativas da Companhia Estatal para Importação e Exportação de Carvão da China, até o terceiro trimestre de 2005 as importações haviam atingido 24,5 milhões de toneladas, contra 18,7 milhões no mesmo período de 2004. As exportações, por sua vez, haviam recuado 55%, para 54,1 milhões de toneladas. Os principais países beneficiados com o aumento das vendas para a China são Indonésia, Vietnã e Mongólia.

#### Energia II

### China reforma mecanismo de formação de preço dos derivados de petróleo

A China vai tornar os preços dos derivados de petróleo mais sensíveis às flutuações de mercado. De acordo com anúncio feito pela Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (NDRC), os preços corresponderão à média dos valores negociados nos mercados de Nova Iorque, Cingapura e Roterdã.

PetroChina e Sinopec, as duas maiores produtoras chinesas de petróleo e gás, manifestaram-se a favor da reforma. As empresas argumentam que os preços controlados pelo governo desencorajam o investimento em campos de gás. Desde o início de 2005, a China aumentou em quatro ocasiões os preços dos derivados de petróleo. Entretanto, os valores continuam abaixo da média do mercado internacional.

#### Ferrovias

### Indústria ferroviária busca investidores privados

A indústria ferroviária chinesa, majoritariamente estatal, está em busca de investidores privados nacionais ou estrangeiros que contribuam para a construção e reestruturação das ferrovias no país. Segundo o Ministério das Ferrovias, no início de 2006 várias estatais do setor abrirão capital e serão listadas em bolsa.

A fim de atrair o interesse dos investidores, algumas companhias com problemas financeiros serão divididas em duas, e apenas a fatia financeiramente saudável será listada. Os investidores poderão adquirir controle total em ativos locais, mas em ativos nacionais as aquisições estarão restritas a fatias minoritárias. Entre 2005 e 2020, o plano prevê investimentos de US\$ 248 bilhões na reestruturação e construção de ferrovias, que deverão expandir a rede em 35%, para 100 mil quilômetros.

Leia mais:  
"China's railways plan to  
sell shares"  
*China Daily*, 01.11.2005

## Siemens fornecerá 60 trens de alta velocidade para a China

A visita do presidente chinês Hu Jintao à Alemanha foi encerrada com a celebração de contrato de \$ 669 milhões de euros para o fornecimento pela Siemens de 60 trens de alta velocidade para a China. Com 200 metros de comprimento e 600 lugares, os trens serão capazes de viajar à velocidade máxima de 300 quilômetros por hora, a mesma do TGV francês. As primeiras três locomotivas serão construídas pela Siemens na Alemanha, e as 57 restantes serão produzidas pela Tangshan Locomotives & Rolling Stock Work na província de Hebei, no nordeste da China. As primeiras locomotivas entrarão em operação em 2008 e ligarão Pequim a Tianjin.

### Carta da China

A **Carta da China** é publicada mensalmente pela secretaria executiva do Conselho Empresarial Brasil-China. Os artigos publicados não necessariamente refletem a opinião do CEBC nem de seus associados. A escolha de artigos analíticos, de matérias comentadas e de resumos de notícias é de responsabilidade da secretaria executiva do CEBC.

A **Carta da China** é distribuída a associados do Conselho Empresarial Brasil-China e a destinatários recomendados por associados.

### Editores

Renato Amorim  
Isabela Nogueira

Estagiárias: Marla Naumann e Zaira Lanna

### Projeto gráfico

Casa do Cliente – [www.casadocliente.com.br](http://www.casadocliente.com.br)

### Atendimento ao leitor

[cebc@cebc.org.br](mailto:cebc@cebc.org.br)